

## Situação Atual

" As eleições não são o fim, mas apenas o início."

A implantação do ensino pago em todos os níveis, redução salarial dos professores, o subemprego acenando para engenheiros, educadores, biólogos, técnicos de todos os níveis e especialidades, inflação superior a 100% ao ano, tudo enfim da chamada «crise econômica» de algum tempo prá cá muito vem sendo discutida, sem que no entanto se chegue a uma conclusão de como superá-la.

Ora, o que vemos é o Estado passar à classe trabalhadora — e indiretamente a nós estudantes também — o ônus da crise, que nada menos é que uma crise mundial porque passa o Capitalismo. Recebemos de todos os lados os comentários do que ocorre mundo afora: guerras, fome, repressão política, prá onde estamos indo? As coisas parecem claras: de um lado estão os poderosos, os fortes. Do outro trabalhadores, donas de casa, estudantes. As lutas se desenvolvem por aí.

No Brasil, dirigido pelo Governo Militar e pelos empresários, o que vemos? Mesmo com uma organização incipiente o povo tem ido as ruas protestar, lutar por moradia, transportes, contra lixos atômicos, barragens absurdas, desemprego. Os trabalhadores preparam a criação da Central Única dos Trabalhadores, organizada pelas bases sindicais desde a I CONCLAT. Setores da Igreja lutam contra o estado de coisas atual; os movimentos ecológicos se colocam claramente contra o programa nuclear, a devastação (mineral, vegetal e animal) e o extermínio; o movimento indígena questiona os Generais; mulheres se organizam; o Mov. Negro Unificado trava lutas importantíssimas com discussões nacionais; grupos de homossexuais passam a atuar organizadamente, etc. E' neste quadro que o governo acena com sua «abertura». Abertura que prende dirigentes sindicais; não recebe a UNE nem a PRÓCUT; expulsa estrangeiros que estejam ao lado do oprimido; tenta fazer das eleições de NOV-82 um tremendo casuismo; nos chama de supérfluos, solta bombas, etc.

Neste contexto, nós estudantes temos um papel. Não podemos jogar nuffi mesmo saco operários e patrões, latifundiários e camponeses, grupos econômicos internacionais e o povo brasileiro, empresários da educação e estudantes. São objetivos contrários.

A derrubada da Ditadura Militar, sua substituição por uma nova forma de governo que garanta os interesses operários e populares e que possibilite a construção de uma nova sociedade, sem explorados nem exploradores, é uma tarefa que temos que assumir. A idéia que «estudante é prá estudar» temos que contrapor nossa luta política. O M.E. como força auxiliar dos trabalhadores, deve procurar formas de engajar os estudantes nela. E' nesta luta que iremos concretizar todas nossas potencialidades. como homens. Possibilitar nosso reencontro com a natureza, com nossos semelhantes e conosco mesmos.

A nível internacional, defendemos a liberdade e autonomia dos povos, vendo que se faz necessário assumirmos lado a lado com estes povos suas bandeiras.

Levantamos nossa solidariedade à luta política travada pelos trabalhadores poloneses, a liberdade nicaraguense, à luta em El Salvador, Guatemala, Honduras, etc.

# O que é o DCE

Calourildo entrou este ano na UFRN. Embora empolgado com a aprovação no vestibular, ele começa a perceber algumas coisas estranhas»:

## TAXAS A PAGAR

Inscrições em disciplinas  
Trancamento de disciplinas  
Histórico escolar  
Carteira de estudante  
Restaurante universitário  
Crédito educativo

VETERANO — Ah! Calourildo, tem mais: faltam livros, laboratórios, estágios, os currículos tem pouco a ver com nossa realidade. E a qualidade do ensino está tão baixa que não dá nem vontade de estudar.

CAL. — Ah, é? E a gente não pode fazer nada?

VET. — Pode sim. Para isto os Centros, Diretórios Acadêmicos e o DCE.

CAL. — DCE! O que é isto? E' prefixo de avião?

VET. — Não Calourildo. O DCE é o nosso sindicato. E' através dele e das entidades de base, que existem em cada Centro ou Curso, que nós defendemos os nossos interesses.

BANDEJÃO — Mas, o DCE, DAs e CAs só falam de política?

VET. — Não é bem assim. E' claro que quando a gente fala de R.U., laboratórios, estágios, currículos, nós estamos fazendo política, pois a orientação do Governo Central (redução de verbas, priorização de outros investimentos ao invés da educação, etc.) é que tem gerado esta situação.

Mas o DCE e demais entidades também devem promover shows, torneios, conferências, viagens — como SBPC e encontros de área — além de outras atividades culturais.

BAND. — Mas isto a gente vê muito pouca.

VET. — E', pouco porque existe pouca gente dedicada ao trabalho; porém existe muito nego que fala, fala mas não vai lá ajudar. Vamos criticar trabalhando, dando uma mãozinha, é na união que faremos a Nossa Força.

## ELEIÇÕES

CAL. — E este negócio de eleições, prá que é isto?

VET. A eleição anual é o momento de fazermos um julgamento da diretoria que sai e escolher de forma criteriosa a diretoria que entra. Para exercermos bem a DEMOCRACIA, todos devem participar, concordando ou não. O voto em branco, nulo, na chapa A, B, ou C, é a manifestação livre do pensamento de cada um. Nós que tanto criticamos o autoritarismo do Governo atual, a falta de eleições verdadeiramente democráticas, devemos participar do processo para que a diretoria eleita possa ter o aval da maioria dos estudantes e principalmente para fortalecer a nossa Entidade máxima na UFRN.

CAL. — Tudo bem, mas porque tantas chapas? Porque não sai todo mundo junto?

VET. — Todo mundo pensa igual, Calourildo?

CAL. — Não, cada um tem uma idéia...

VET. — Pois é isto. Tem estudantes que desejam fazer uma administração de um jeito, outros de outras... Por exemplo, a atual diretoria do DCE foi eleita prometendo mundos e fundos. O programa desles tinha umas 50 promessas, e na prática o que eles fizeram, Bandeirão?

BAND. — Deixe eu botar os óculos para poder ver...



## DIRETORIA:

Pres. — Hugo  
Vice — Alípio  
Sec. Geral — Edilson  
Dep. Financeiro — Silvana  
Dep. Cultural — Bosco  
Dep. Imprensa — Daniel  
Dep. Divulgação — Mauricléa  
Dep. Ens. Pesq. — Carlos Nereu  
Dep. Ass. Estudantis — Paulo  
Dep. Social — Liege  
Dep. Esportes — Zé Ozimar  
Vice Macau —  
Vice Sta. Cruz —

(Eng. Mecânica)  
(C. Sociais)  
(Medicina)  
(Enfermagem)  
(Psicologia)  
(Comunicação)  
(S. Social)  
(Geologia)  
(Economia)  
(Psicologia)  
(Ed. Física)  
Vice Nova Cruz —  
Vice C. Novos —  
Vice Caicó —

Para integrar RECONSTRUÇÃO foram escolhidos, nas reuniões, pessoas que já tinham alguma experiência no Movimento Estudantil e portanto, possuem crédito junto a muitos estudantes, ou pessoas que se dispõem a «arregaçar as mangas» e dar outra vida ao DCE. A composição da chapa é a seguinte:

Os diversos departamentos funcionarão em forma de comissões de alunos que (antes ou depois da campanha) venham integrar-se ao trabalho. Para que haja verdadeiramente intercâmbio entre o DCE e os diversos Campi avançados é que propomos 1 vice presidente para cada cidade, ao invés de um único «representante do interior».

## CONSEPE CONSUNI CURADORES

Hugo (Mec)	Alípio (C. Soc)	Aninha (Elet)
Edilson (Med)	Simone (Med)	Silvana (Enf)
Nereu (Geo)	Mineiro (Bib)	
Moisés (C. Soc)	Gilca (Eco)	
Hercília (Med)	M. Aurélio (Odonto)	
Maisa (Odonto)	Noêmia (C. Soc)	

VET. — Deixa de brincadeiras, Bandeirão. Mas é isto mesmo. A diretoria não fez quase nada e encaminhou mal muitas lutas. Além do mais está cobrando o absurdo de Cr\$ 200,00 para cada carteira de estudante. Outra coisa: a gente para resolver qualquer assunto na sede do DCE vai lá mas só encontra a porta fechada...

BAND. — Oba! Oba! Vamos votar na oposição que rima com RECONSTRUÇÃO.

CAL. — Vamos Reconstruir o DCE!

Foi a partir de discussões sobre os erros e acertos do Movimento Estudantil que nós, da RECONSTRUÇÃO, realizando 3 reuniões semanais no Setor II e no pátio da Faculdade de Medicina (reuniões para as quais distribuímos convites a todos, fixamos avisos nas portas e corredores) resolvemos lançar nossa proposta de maneira realista, sem muito promessa, nem demagogias e acreditando que nada poderá ser feito sem uma atuação ampla de todos os estudantes, principalmente diante da intransigência do MEC e da REITORIA frente ao aumento do preço da refeição no R. U. e da definitiva divulgação do projeto de Ensino Pago, bem como do «NOVO» sistema de avaliação aprovado durante as férias. Apesar dos protestos dos nossos representantes no CONSEPE (este órgão possui apenas 3 representantes estudantis contra 18 membros ligados à administração da UFRN).

COLEGIADOS: Além de concorrermos ao DCE, nós de RECONSTRUÇÃO também lançamos uma chapa para os Colegiados superiores:

BAND. — O veterânildo, há 3 anos que estou no Campus e não sei para que serve CONSEPE, CONSUNI... esses órgãos aí.

VETERANILDA — Os órgãos colegiados superiores são as instâncias máximas de deliberação da universidade. O Conselho de Ensino e Pesquisa — CONSEPE — é quem define todas as questões acadêmicas (currículos, transferências, reopção, sistema de avaliação, etc.)

BAND. E o CONSUNI?

VET. — E' o conselho universitário. Define questões administrativas e financeiras entre outras. Já o Conselho de Curadores é órgão consultivo sobre as contas da universidade, pois esta passam no C. CURADORES antes de irem ao Tribunal de Contas da União.

CAL. Pelo que sei, inclusive vi algumas faixas pelo Campus, nós estudantes somos minoria nesses colegiados, que sempre nos prejudica como no caso do S. de Avaliação, não é?

VET. — Verdade! Nossa participação no CONSEPE é de 3 estudantes para 18 representantes da administração da UFRN. Eles dizem ser de 1/5, desde que não ultrapasse 3... ridiculo! Reivindicamos a concretização desde 1/5 já (em todos os colegiados) e iremos continuar a luta para termos a garantia de paridade, ou seja 1/3 para estudantes, professores e funcionários.



## Universidade

A crise por que passa a sociedade e a economia brasileira se reflete no interior da Universidade. A esta o sistema destina o papel de reproduzir sua ideologia, formando profissionais à serviço de seus interesses. Neste quadro de crise, o MEC nos envia um «novo» projeto para que «reestruturando» a Universidade, possa mais facilmente manipulá-la. Seu projeto visa implementar a última etapa do ENSINO PAGO, vinculando definitivamente a universidade aos interesses do empresariado.

Isto coloca para a universidade uma pergunta: como se posicionar em relação ao movimento global da sociedade? Ou a Universidade se coloca ao lado dos trabalhadores e suas lutas, ou continua produzindo os «intelectuais» que a classe dominante necessita para legitimar o sistema.

Os movimentos de luta pela democratização e pelo ensino público e gratuito mostram qual a opção da comunidade universitária. Surge então a necessidade de um projeto de universidade que garanta uma efetiva aproximação ao movimento popular para que se garanta um vínculo orgânico entre a formação profissional e a realidade social.

Ao nosso entender a concretização deste projeto passa necessariamente pela ativação de um trabalho conjunto com a ADUKN e AFURN, assim como a integração entre os estudantes dos diversos Campi. Assim poderemos incentivar pessoas e grupos (NEPSI, P.A.C., etc.) que realizam experiências alternativas nos meios populares, junto a sindicatos, associações de bairro, comunidades de base, etc., para uma ampla discussão na universidade, questionando-a em forma e conteúdo. Tal debate tem condições de solucionar o impasse em relação aos currículos, um problema em todos os cursos.